



EDITORIAL

A religiosidade/espiritualidade no campo da saúde
The religiosity/spirituality in health

Fabio Scorsolini-Comin¹

¹Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas, Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP), Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil.

A religiosidade/espiritualidade (R/E) tem sido cada vez mais investigada pela literatura científica, notadamente no campo da saúde. Ao considerar o humano em sua interface com os elementos da espiritualidade, seguindo recomendações da própria Organização Mundial da Saúde (OMS), opera-se a necessidade de que tal dimensão não seja apenas mais um vértice na atenção à saúde, mas um componente que deve ser valorizado, incorporado, investigado e constantemente questionado, a fim de que avanços possam vir à tona. Esse diálogo deve, ainda, atravessar os processos de ensino e aprendizagem, o fomento à pesquisa científica e o incentivo para que práticas sejam desenvolvidas, trazidas a campo e avaliadas em termos de seus objetivos, resultados e alcances.¹⁻³

A literatura científica contemporânea tem expressado com bastante entusiasmo o modo como a R/E vem sendo compreendida nos processos de saúde e doença.² No campo da Psicologia, a APA (*American Psychological Association*) possui uma divisão, a de número 36, que trata especificamente de aspectos relacionados à R/E. A *Society for the Psychology of Religion and Spirituality* tem como objetivo estimular as pesquisas científicas no campo da religiosidade e da espiritualidade, de modo que os resultados desses estudos possam ser incorporados empiricamente em contextos clínicos e nas mais diversas formas de atenção à saúde, estimulando o diálogo entre ciência e religião. Essa divisão da APA é responsável pela publicação do periódico *Psychology of Religion and Spirituality* e também da publicação *Society for the Psychology of Religion and Spirituality Newsletter*.

A R/E também tem sido uma área de destaque dentro das atuais discussões da Associação Mundial de Psiquiatria (WPA) e da OMS. Em 2015 houve a publicação do "Posicionamento da Associação Mundial de Psiquiatria (WPA) sobre Espiritualidade e Religiosidade em Psiquiatria", bus-

cando conscientizar o meio acadêmico e também a população geral acerca da relevância das questões da R/E no campo da saúde.⁴ Este posicionamento destaca a necessidade de que profissionais de saúde mental estejam aptos a trabalhar com esse tema, haja vista que a R/E possui associações com aspectos como prevalência de transtornos mentais, diagnóstico, tratamento, desfechos clínicos, prevenção e promoção de saúde e bem-estar. Este posicionamento também traz uma série de evidências científicas que oferecem suporte a essas considerações, dando ampla visibilidade à R/E na sua interface com a saúde. Entre as sete recomendações gerais disponíveis nesse documento, destaca-se a necessidade de considerar as crenças e práticas religiosas e espirituais dos pacientes/clientes/usuários, de modo que as mesmas sejam abordadas como elemento essencial da história psiquiátrica e, consequentemente, consideradas no acolhimento, diagnóstico, tratamento, prevenção e promoção de aspectos salutarres.⁴ O mais importante no rol dessas considerações é a visibilidade que se confere à R/E não apenas com um mecanismo de enfrentamento em situações adversas, como nos casos de adoecimento, mas também de compreensão do sentido existencial e de importantes questões que compõem o sujeito e sua relação com o mundo. Ao possibilitar a audiência desse aspecto, abre-se a possibilidade de que uma gama de outros significados também possa emergir, configurando, de fato, uma atenção humanizada e integral.

Em termos do cuidado em Enfermagem, pesquisas apontam que esses profissionais tendem a admitir a possibilidade de uma relação harmoniosa entre biociência e religiosidade, mas encontram grande desconforto para lidar com essa temática junto aos pacientes,^{5,6} inclusive em contextos de terminalidade, como dos cuidados paliativos⁷ e dos cuidados intensivos. Esse desconforto pode estar relacionado a aspectos como a influência direta da sua própria R/E, da sua formação acadêmica e do receio de repercussão negativa consequente da abordagem direta desses aspectos aos pacientes.⁸ Ainda assim, estudos destacam a possibilidade de que o profissional de saúde seja um meio para ajudar o paciente a retomar o seu sentido de sua vida, mesmo no contexto de um adoecimento grave.⁹ Essa ajuda pode se dar no sentido de contribuir para que tais pacientes se percebam e se conheçam nesse processo. Por essa

*** Correspondência:**

Avenida dos Bandeirantes, 3900
Ribeirão Preto - SP - CEP: 14040-902
e-mail: fabio.scorsolini@usp.br

doi: 10.21876/rcsfmit.v8i2.752

razão, ainda segundo essas autoras, a equipe multiprofissional deve proporcionar apoio, conforto e esperança de um futuro para o paciente e sua família, independentemente da cura.

Daí a importância de trazermos para os cenários de ensino e aprendizagem não apenas a consideração da necessidade de o profissional de saúde entrar em contato com a R/E, mas discutir e apreender, de modo crítico e na prática, como essa dimensão pode ser refletida, ensinada, acolhida, criando estratégias para a sua incorporação em protocolos, anamneses e ao longo de todo o tratamento. Possibilitar o ensino sobre essa dimensão parece ser um desafio cada vez mais premente, o que deve disparar mudanças no modo como os currículos de cursos de saúde em níveis de graduação e pós-graduação são construídos. Essas mudanças também impactam na necessidade de capacitar o corpo docente e os supervisores de estágio, em um esforço de caráter sistêmico.

De maneira geral, pode-se afirmar que a incorporação da R/E na prática em saúde não é algo simples e de fácil diálogo. Embora a literatura científica contemporânea

reforce os argumentos e evidências em prol dessa integração,^{1,4} observa-se que nem sempre os profissionais de saúde possuem formação compatível com essa discussão, de modo que, na prática, tal articulação ainda seja permeada por muitas dúvidas que recuperam o que cabe ou não ao profissional em sua atuação quando há elementos da R/E que emergem no contato com os pacientes/clientes/usuários ou quando essa demanda surge no processo de cuidado.¹⁰ Os medos e receios relatados pelos profissionais de saúde podem e devem ser considerados no ensino da R/E em cursos de saúde, de modo a possibilitar, vivencialmente, que tais barreiras possam ser ultrapassadas, em busca de um cuidado integral e que respeite o humano em todas as suas expressões e ressonâncias.

É nesse sentido que destacamos a importância da escuta² para todos os profissionais de saúde. A escuta da R/E parece ser não apenas uma tendência para a oferta de um cuidado mais humanizado e integral, mas também o principal recurso para o desenvolvimento de estratégias de ensino, pesquisa e atenção que considerem essa mesma dimensão como potência na promoção de saúde e bem-estar.

Referências

1. Pargament KI, Lomax JW, McGee JS, Fang Q. With one foot in the water and one on shore: The challenge of research on spirituality and psychotherapy. *Spirit Clin Prac.* 2014; 1(4):266-8.
2. Scorsolini-Comin F. Espiritualidade e brasilidade na clínica etnopsicológica. *Psic Clín.* 2017;29(2):319-38.
3. World Psychiatric Association. Institutional program on the core training curriculum for psychiatry. Yokohama: WPA; 2002.
4. Moreira-Almeida A, Sharma A, van Rensburg BJ, Verhagen PJ, Cook CC. WPA position statement on spirituality and religion in psychiatry. *World Psychiatry* 2016;15:87-8.
5. Freitas MH. Religiosidade e saúde: experiências dos pacientes e percepções dos profissionais. *Pistis & Praxis.* 2014;6(1):89-105.
6. Salimena AMO, Ferrugini RRB, Melo MCSC, Amorim TV. Compreensão da espiritualidade para os portadores de transtorno mental: contribuições para o cuidado de enfermagem. *Rev Gaúcha Enferm.* 2016;37(3):e51934.
7. Evangelista CB, Lopes MEL, Costa SFG, Abrão FMS, Batista PSS, Oliveira RC. Espiritualidade no cuidar de pacientes em cuidados paliativos: um estudo com enfermeiros. *Esc Anna Nery.* 2016;20(1):176-82.
8. Nascimento LC, Santos TFM, Oliveira FCS, Pan R, Flória-Santos M, Rocha MM. Espiritualidade e religiosidade na perspectiva de enfermeiros. *Texto & Cont Enf.* 2013;22(1):52-60.
9. Espíndula JA, Valle ERM, Bello AA. Religião e espiritualidade: um olhar de profissionais de saúde. *Rev Lat-Am Enferm.* 2010;18(6):1229-36.
10. Alves JS, Junges JR, López LC. A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. *Mundo Saúde.* 2010;34(4):430-6.